

MAL-OLHADO E MAU-OLHADO: UM OLHAR LÉXICO-SEMÂNTICO

Jozimar Luciovanio Bernardo (UFG/CAPES)

jozimarbernardo@yahoo.com.br

Maria Helena de Paula (UFG/FAPEG)

mhpcat@gmail.com

RESUMO

Na condição de suposto efeito causador de malefícios sobre aqueles a que é lançado, podendo provocar inclusive um estado mórbido de mesmo nome, o mal-olhado/mau-olhado adentra o rol das crenças populares de diversas culturas e, naturalmente, está arrolado nas nominatas de obras lexicográficas de outrora até hodiernamente. Em vista desta circunstância, com base nos registros constantes em alguns dos principais dicionários gerais da língua portuguesa contemporâneos, a saber: “*Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (2000), *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2004), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009) e *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete*” (s/d), todos em versão eletrônica, procedemos ao cotejo das unidades léxicas “mal-olhado” e “mau-olhado” (ambas inscritas no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP – de 2009*). Nessa etapa, principiamos as discussões acerca dos sentidos atribuídos a estas formas léxicas, a começar pelo entendimento das homófonas heterográficas “mal” e “mau”, vista a evidente heterografia na variação mal’oiado, constante no corpus parcial de textos orais da pesquisa em curso “Dimensão mágico-religiosa da palavra em textos orais sobre a religiosidade popular na comunidade São Domingos, Catalão (GO)”. Dessa forma, temos como desiderato lançar um olhar léxico-semântico sobre esse item léxico, conjugando sentidos e grafias registrados nos dicionários e nos contextos circunscritos nos registros orais da nossa pesquisa, de modo a visualizar presumíveis dessemelhanças que se fazem perceptíveis, principalmente, no nível morfológico da língua, bem como ratificar a sua incontestante relação com a cultura.

Palavras-chave: Língua oral. Léxico. Dicionário.

1. Introdução

Na condição de suposto efeito causador de malefícios àqueles sobre os quais é lançado, sendo capaz de provocar, inclusive, um estado

mórbido de mesmo nome, o mau-olhado adentra o rol das crenças populares de diversas culturas e, naturalmente, se faz arrolado nas nominatas de obras lexicográficas de outrora até hodiernamente, uma vez que o léxico de uma língua constitui o patrimônio vocabular de uma comunidade no decorrer da história, configurando a realidade extralingüística e, assim, arquivando todo o seu saber linguístico (BIDERMAN, 2001; VILELA, 1994).

Com base nos registros de alguns dos principais dicionários gerais da língua portuguesa contemporâneos, quais sejam: *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (2000), *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2004), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009) e *Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (2011), decidimos proceder o cotejo das unidades léxicas “mal-olhado” e “mau-olhado”, ambas inscritas no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) de 2009.

Começamos pelo entendimento das homófonas heterográficas “mal” e “mau”, vista a evidente heterofonia desse elemento no item léxico “mal’oiado” constante no *corpus* parcial de textos orais da pesquisa em curso, “Dimensão mágico-religiosa da palavra em textos orais sobre a religiosidade popular na comunidade São Domingos, Catalão (GO)”, a qual está vinculada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, e sob fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Dessa forma, temos como desiderato lançar um olhar léxico-semântico sobre essa unidade léxica, conjugando sentidos e grafias registrados nos dicionários e nos contextos dos registros orais da nossa pesquisa, de modo a visualizar presumíveis dessemelhanças que se fazem perceptíveis, sobretudo, no nível morfoléxico da língua, bem como ratificar a sua incontestável relação com a cultura.

2. *Mau e mal: breves explicações*

Etimologicamente, mau provém do latim *malus* (mau, de má qualidade) e mal, especificamente, de *male* (mal, de modo contrário) (REZENDE; BIANCHET, 2014). É sabido que a homofonia entre as unidades léxicas “mau” e “mal”, constatada, principalmente, no uso da forma

padrão da língua portuguesa, é motivo de dúvidas frequentes, visto que são usadas de formas distintas.

Basicamente, mau é antônimo de bom, e mal, por sua vez, é antônimo de bem. Desse modo, na maior parte das vezes, mau é adjetivo (caracterizador de substantivos) como na frase “Miguel tem medo de monstros maus, por isso prefere ouvir histórias de personagens bons”, em que mau está qualificando os monstros. Mal é, geralmente, um advérbio (modificador de verbos, de adjetivos e de outros advérbios), como na frase “Lucíola domina mal o francês e muito bem o espanhol”.

Ademais, mal pode ser substantivo, quando precedido de artigo, por exemplo “Há quem deseje um equilíbrio entre o bem e o mal”; sinônimo de doença, como em “mal de alzheimer”, e conjunção temporal sinônima de imediatamente, assim que, logo que etc.: “Mal foi dormir, o dia amanheceu”. Mau, também, pode ser substantivado, como se percebe na frase “os maus, ao contrário dos bons, são reprováveis aos olhos da maioria”.

A complexidade em torno das unidades léxicas “mal” e “mau” começa quando perdem sua significação individual para formarem, justapostas a outras palavras, uma unidade semântica, tal qual pode ser notado em “mal-olhado” e “mau-olhado”. Diante disso, nas seções seguintes, buscamos os registros de “mau-olhado” e de “mal-olhado” nos dicionários supraditos e, considerando as ocorrências no *corpus* da pesquisa, damos seguimento a discussões para compreender a variação “mal'oiado”, que conserva a consoante lateral /l/, em posição pós-vocálica.

3. Cotejo lexicográfico

No quadro ulterior, cotejamos as unidades léxicas “mal-olhado” e “mau-olhado”. Vejamos:

DICIONÁRIOS	mau-olhado	mal-olhado
Michaelis (2000)	<i>sm</i> Qualidade que a credence popular atribui a certas pessoas de causarem desgraças àquelas para quem olham. <i>Cf</i> com <i>mal olhado</i> .	<i>adj</i> (<i>mal+olhado</i>) 1 Que não é bem visto, bem aceito; malvisto. 2 Aborrecido, detestado, odiado. <i>Cf</i> com <i>mau-olhado</i> .

Ferreira (2004)	[De <i>mau</i> + <i>olhado</i> .] Substantivo masculino. 1.Qualidade que se atribui a certas pessoas de causarem desgraça àqueles para quem olham. 2.O mau efeito dessa qualidade. [Sin. ger.: <i>jetatura</i> , (bras.) <i>afito</i> e (bras., PE, pop.) <i>lili</i> . Pl.: <i>maus-olhados</i> .]	Não registra.
Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> 1 olhar a que se atribuem poderes de causar malefícios, infortúnios; afito, jetatura, olhado < <i>pôr m. em alguém</i> > 2 o suposto efeito de tal olhar; olhado < <i>um m. fez a planta definhar</i> > ☉ GRAM pl.: <i>maus-olhados</i> ☉ SIN/VAR ver sinonímia de <i>olhado</i> .	Não registra.
Caldas Aulete (2011)	<i>(mau.o.lha.do)</i> <i>sm.</i> 1. Olhar maldoso, destrutivo, de inveja, de mal-querença, que se supõe prejudicial àquele a que se destina; a suposta capacidade de fazer mal de um olhar assim. 2. O efeito causado por esse olhar. [Pl.: <i>maus-olhados</i> .]	Não registra.

Quadro 1 – definições dos lemas “mau-olhado” e “mal-olhado”.
Org. Bernardo e Paula (2014).

A partir do cotejo, constatamos que apenas o Michaelis (2000) arrola o item “mal-olhado” em sua nomenclatura, classificando-o como adjetivo. Os demais dicionários registram somente o substantivo “mau-olhado”.

Com foco na palavra substantiva “mau-olhado”, podemos considerar duas acepções, uma primeira, em que o indivíduo possui a qualidade de causar desgraças pelo olhar e, uma segunda, em que o indivíduo está sob efeito do olhar maléfico, ou seja, quando se diz que fulano está com “mau-olhado” ele está infortunado, prejudicado, desgraçado, invejado etc.

4. Ocorrência de “mal’oiado” no corpus oral

Nessa seção, apresentamos excertos do *corpus* parcial da pesquisa para observação de algumas ocorrências do item léxico “mal’oiado” e de outros que incluímos na análise. Os trechos são de três entrevistas até o momento realizadas, pois a composição do *corpus* da pesquisa ainda se encontra em andamento. Devido a questões éticas, os sujeitos são identificados por meio de códigos.

N1F63I – narradora número um (N1F), sessenta e três anos de idade (63), primeiro dia de entrevista (I), realizada no dia 12 de novembro de 2013, à mesa da cozinha de sua residência na área urbana de Catalão-GO.

Antão, a gente vê que é muito importan'. E médico não conhece essas coisa, não sabe, né? E diara vem gente aqui né, pra mim benzê, de zipela, de de *mal'oiado*, de muita coisa, né?

De cobreiro³⁹, de zipela⁴⁰, né, de muitas benzição qu'eu ben[zo]... de quebrante, *mal'oiado*, né? Aí, parece que a gente viu que... num é que assim qu'eu quero tê tanta fé, mais [a] gente vê que vale, sabe?

Nos dois trechos acima, as ocorrências dos substantivos *mal'oiado* apresentam a consoante /l/ lateral conservada na oralidade. Conquanto sejam manifestações da unidade léxica em vias distintas, observamos que estes registros do texto oral divergem morfoloxicamente dos registros lexicográficos do cotejo, pois, de acordo com o contexto, “benzer o *mal'oiado*” é benzer o mau efeito do olhar maldoso, que causa malefício, ou seja, liga-se aos sentidos atribuídos ao lema “mau-olhado”. Entendemos que a benzedeira benze para retirar o “*mal'oiado*” do indivíduo. Todavia, é possível, ainda, supor que ela pode benzer uma pessoa que tenha a qualidade de causar malefícios, “quebrando” esta capacidade, embora o contexto e as informações do *corpus* não confirmem esta hipótese.

N2M82 – Narrador número dois (N2M), oitenta e dois (82) anos de idade, entrevista realizada no dia 29 de janeiro de 2014, à mesa da área dos fundos de sua residência na comunidade rural São Domingos, município de Catalão-GO.

Só que a pessoa, se iscapá, fô pa iscapá [a benzeção] vale, se num fô num [a]dianta. Lá morreu uã muié ofindi[da] de cobra, mais foi através do *mal'*, sabe? É qu'eu falo, pessoa tem que tomá muito cuidado praque o *mal'* tem poder, né?

É sim, [en]tão 'cê fica pagão, e 'ocê ficô pagão, 'cê tá pu conta de quê? Conta do *mal'* né, con[ta] do *mal'*, né?

Nestes fragmentos, de modo a demonstrar a tendência de conservação do som de /l/ lateral em posição pós-vocálica, notamos as ocorrências da palavra substantiva “mal”. Agora, vejamos, no trecho abaixo, a ocorrência de “mau”.

³⁹ Cobrelo ou cobreiro.

⁴⁰ Erisipela.

“[As]sombração, é, ixiste, né? An[tes] an[tes] ixistia, hoje num ixiste mair não né, mais de primero ixistia, prueque de primero ixistia# tinha muita gente pagã, né? Muitas pessoas **mau** também, através da maldade existe essas coisa, né né?”.

A partir deste trecho, inferimos que este narrador diferencia mau (adjetivo) e mal (ocorrências de substantivos nos trechos anteriores) na fala. Assim, podemos entender que há uma gramática internalizada que se manifesta no falar e que ocorre naturalmente, uma vez que a diferenciação não é feita de modo contingente.

N3M79 – Narrador número três (N3M), setenta e nove anos de idade (79), entrevista realizada no dia 11 de março de 2014, à mesa da cozinha de sua residência na comunidade rural São Domingos, município de Catalão-GO.

ele vei' aqui passô aqui foi lá lá no (...), lá no alto tinh' uns piqui lá, ùa moita de piqui, e[le]s falav' que lá é *mal'assombrado*, toda vida falô, aí ele foi foi, quando foi lá pas dez hora tava só eu e o cumpa[de] (...) aqui.

Falô que benzeu, mair diz ele q' num benzeu, quebrô foi o incanto dela p' ela num tê condição de fazê nada pus oto, *mal'* pra ninguém.

A fim de ratificar a observada conservação do som de /l/ lateral no falar de pessoas mais velhas que vivem ou viveram grande parte da vida no meio rural, tais como os senhores e senhora cujas falas são supracitadas, destacamos a ocorrência do adjetivo “mal'assombrado”, em que ocorre o mesmo processo.

Malgrado não seja o foco desse estudo tratar de questões teóricas relacionadas ao nível sonoro, convém salientar que a discussão que se propõe nesse ensejo pode ser tratada, também, a partir de duas proposições apontadas por Oliveira e Cristófaros-Silva (2002), quando analisam a consoante /l/ em posição final de sílaba. Segundo os autores, a mudança de L para U pode ser: a) um processo de vocalização da consoante lateral pós-vocálica ou b) resultado da reinterpretação do /l/ pós-vocálico (mal) como /w/ (mau), constituindo, deste modo, uma relação semântica.

5. Considerações finais

O registro da variação “mal'oiado” (mal-olhado) em trechos do *corpus* da pesquisa supradita permitiu verificar que há claramente um som de /l/ lateral em posição pós-vocálica, dado que a transcrição é fiel à fala dos sujeitos entrevistados. Se fosse U no lugar de L, os narradores, decerto, diriam “mau'oiado”.

Com base nessas considerações, inferimos que a palavra “mal-olhado”, registrada no dicionário Michaelis (2000), destoa do sentido compreendido no contexto das ocorrências no *corpus* de texto orais, pois entendemos ser o “mal’oiado” um olhar de modo ruim – que causa malefícios – ou, ainda, ser olhado de modo ruim – sofrer os malefícios.

Assim, abstraímos as seguintes hipóteses: a) o substantivo, cuja definição é apropriada às ocorrências lexicais do *corpus*, deveria estar registrado nos dicionários com L (mal-olhado), e não com U (mau-olhado), uma vez que podemos entender que é o modo ruim/maldoso de olhar que o caracteriza e b) as obras lexicográficas registram “mau-olhado”, com U, porque caracterizam o olhar como ruim, e não como um olhar de modo ruim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Organização de Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2 ed. Campo Grande: EDUFMS, 2001. p. 13-22.

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*, versão 5.0. Positivo Informática, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MICHAELIS. *Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2000. (Versão 1.1 eletrônica).

OLIVEIRA, Marco Antônio; CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. Variação do "r" pós-consonantal no português brasileiro: um caso de mudança fonotática ativada por cisão primária. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, p. 25-47, mar. 2002. Disponível em:

http://www.pucminas.br/imagdb/mestrado_doutorado/publicacoes/pua_arq_arqui20121017152913.pdf. Acesso em: 22/08/2014.

XVIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do latim essencial*. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.